

A CARA DO PATRIMONIALISMO LULISTA

Ricardo Vélez Rodríguez

Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas da UFJF.

Rive2001@gmail.com

Mal começou a campanha e os petistas mostram a que vieram. Vieram para culminar a obra de desmonte das instituições democráticas, mediante a definitiva consolidação do Estado Patrimonial submetido ao peleguismo lulista. Demétrio Magnoli identificou muito bem essa realidade (“A escolha de Serra”, *Estadão*, 08-07-10): “O lulismo não é a política macroeconômica do governo, tomada de empréstimo de FHC, mas uma concepção sobre o Estado. A sua vinheta de propaganda, divulgada com dinheiro público pelo marketing oficial, diz que o Brasil é *um país de todos*. Eis a mentira a ser exposta. O Estado lulista é um conglomerado de interesses privados. Nele se acomodam a elite patrimonialista tradicional, a nova elite política petista, grandes empresas associadas aos fundos de pensão, centrais sindicais chapa-branca e movimentos sociais financiados pelo governo”.

Lula e seguidores são caras-de-pau, ao pretenderem vender aos eleitores uma continuidade patrimonialista com o falso nome de “democracia para todos”. A candidata Dilma não teve a menor vergonha em afirmar que o programa apresentado ao Tribunal Superior Eleitoral, em 5 de Julho, não é para valer, tendo-o substituído por novo texto. Isso é fazer de todos nós, eleitores, um bando de ingênuos. Será que vamos engolir mais essa? O Lula já tinha feito coisa semelhante quando revogou o programa do Partido em 2002, a famosa “Carta do Recife”, substituindo-o, a toque de caixa, pela memorável “Carta aos Brasileiros”, com base na qual desenvolveu a sua campanha. O problema é que Lula, Dilma e demais confrades não acreditam nas instituições democráticas. Guardaram, dos seus anos de militância, o menosprezo pelas denominadas “instituições burguesas” que, como ensinavam Marx e Lênin, deveriam simplesmente ser destruídas para erguer, sobre as suas ruínas, uma ditadura personalista.

Lula acrescentou, sobre essa herança perversa do marxismo-leninismo inserida na ideologia petista, a componente populista. Para essa forma de fazer política, o que importa é estabelecer uma espécie de “convívio emocional” entre o líder e o povão que ele diz representar, prescindindo das instituições. Como afirma um dos mais importantes estudiosos contemporâneos do fenômeno, o sociólogo francês Pierre-André Taguieff, na

sua obra *A Ilusão populista* (Paris, 2007), o líder populista é um demagogo cínico que apregoa a salvação do povinho destruindo as instituições democráticas. Isso é, nem mais nem menos, o que Lula tem feito: desmoralizar as instituições de direito, a começar pela representação política, a justiça, a imprensa livre, os tribunais de contas e a vida político-partidária, para, sobre as cinzas da anomia, erguer a sua figura de salvador da pátria. O atual presidente não duvida um instante em comprometer a credibilidade da nossa diplomacia, tirando dela qualquer seriedade ao acomodá-la aos seus interesses populistas. Acaba de fazer isso na visita ao ditador e genocida Teodoro Obiang Ngema Mbasongo, da Guiné Equatorial, alcunhando essa vulgar iniciativa de “pragmatismo”.

O “nosso guia” já tinha tomado atitude semelhante, em múltiplas oportunidades, ao longo dos seus quase oito anos de mandato, em face de outros autocratas como o presidente do Sudão, ou saindo na defesa ardorosa dos populistas latino-americanos Chávez, Morales, Corrêa, Ortega, para não falar da sua amizade incondicional com os irmãos Castro, que presidem a mais antiga satrapia ibero-americana. E por falar em Sátrapas, Lula desmoralizou ainda mais a nossa política externa, ao se alinhar, desavergonhadamente, com o presidente iraniano, cuja legitimidade, nas eleições que o guindaram de novo ao poder, é questionada, no próprio Irã e pela comunidade internacional. Tudo com a finalidade clara de deixar uma porta aberta para uma desvairada corrida atômica, banida pela nossa Carta Magna. Aliando-se com quem não deve, Lula terminou, de outro lado, brigando com quem não deve, colocando pedras no caminho de dois países latino-americanos que derrubaram as tentativas de tomada acintosa do poder por populistas ou totalitários: foram decepcionantes as reiteradas críticas do seu governo às ações empreendidas pelo presidente Uribe, da Colômbia, contra as FARC (ainda não consideradas terroristas pelo governo brasileiro), bem como a tragicômica encenação na embaixada brasileira em Honduras, para prestigiar o golpista ex-presidente Zelaya, aliado de Chávez.

Mas voltemos à nossa cena de campanha presidencial que começa. Como muito bem esclareceu o candidato José Serra, as diretrizes de um programa de governo são "a alma" do que se quer, e alguns pontos que constavam da primeira versão da equipe de Dilma são o que o PT realmente defende, "como a facilitação de invasão de terras". Ele citou, ainda, o controle da imprensa. "É tema em que a gente sabe o que eles pensam. Sempre que podem, isso é dito, depois eles vêm e corrigem". O que os adversários mostram, frisou Serra, "não são duas caras, são várias caras". E acrescentou: "Nós temos uma só cara, a minha cara". Garantiu em seguida, que as diretrizes de seu programa foram "minuciosamente escritas".

Como perguntava Magnoli, terá Serra, neste momento, a coragem de apresentar a sua cara de estadista e denunciar a farsa petista que pretende dar continuidade, no Brasil, ao abjeto patrimonialismo, que pratica a privatização do Estado pela elite clientelista tradicional, pela nova elite sindical, pelas grandes empresas associadas aos fundos de pensão e pelos movimentos sociais financiados pelo governo?